

NTIDADES MIGRAR: EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES

DIÁSPORAS

HOSPEDARIA DO BRÁS

O EDIFÍCIO

NTIDADES MÍGRAR: EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES MÍGRAR: EX

COTIDIANO

DIÁSPORAS DIÁSPORAS DIÁ

HOSPEDARIA DO BRÁS HOSPE

O EDIFÍCIO O EDIFÍCIO O EDIFÍCIO O EDIFÍCIO

MIGRAR: EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES



NÚCLEO EDUCATIVO DO MUSEU DA IMIGRAÇÃO

Pensando nos papéis sociais que os museus são chamados a cumprir na contemporaneidade, é possível destacar aqueles que os colocam como agregadores, catalisadores e inclusivos. Nesse âmbito, a educação tem papel fundamental no desenvolvimento da relação entre a instituição e o público. O Núcleo Educativo do Museu da Imigração tem como objetivo geral desenvolver atividades que possam promover um encontro profícuo entre os visitantes e suas ações de pesquisa, preservação e comunicação, trabalhando para a construção de um

sujeito autônomo, propositivo e crítico. Como objetivos específicos, há muitos desafios. Esse Núcleo tem a intenção de manter uma conversa próxima e contínua com seus diversos públicos, propondo formações e despertando o interesse daqueles que ainda não são frequentadores de espaços culturais. Deseja enfatizar o papel da educação em museus como ferramenta para compreender a identidade cultural, a convivência com a diversidade, a construção e a preservação do patrimônio e da memória, o desenvolvimento de diferentes linguagens e a arte

como leitura de mundo. Por fim, privilegia a formação contínua de educadores no entendimento amplo dos espaços institucionais e das atividades desenvolvidas.

O Núcleo Educativo do Museu da Imigração trabalha com eixos que sustentam suas ações: experiência – como possibilidade de vivência, troca e aprendizado –, autonomia, imaginação, criatividade, diálogo, informação, formação e transformação. Estes guiam a proposição de discussões, atividades e materiais educativos. Também são desenvolvidos temas transversais, como identidade,

fronteira, deslocamento, memória, história e cultura material, que dialogam direta ou indiretamente com a (i)migração, tema principal do Museu.

Promover uma experiência consistente e significativa, por meio de uma visita guiada, uma conversa ou uma atividade, vem sendo a mola propulsora do Núcleo. E despertar o desejo pela continuidade deste contato do público com o Museu da Imigração, seu principal desafio.

APRESENTAÇÃO DO MATERIAL EDUCATIVO

A partir dos conceitos elencados anteriormente, são desenvolvidos materiais educativos, como este que você recebeu. Nós da equipe do Núcleo Educativo do Museu da Imigração pensamos em vários questionamentos e um deles é o seguinte: como fazer da visita ao museu uma experiência significativa? Não temos a pretensão de responder de pronto a essa pergunta,

mas pensamos na educação como possibilidade transformadora, como ponto diferencial entre o que o visitante percebe, a maneira como apreende a história do lugar e dos objetos, e o que se pode construir com esse encontro. Como podem ser acionados, construídos e ressignificados em um espaço institucional os sentidos, as memórias coletivas e individu-

ais, as sensações? Trabalhamos antes de tudo com perguntas, e essa opção nos acompanha como possibilidade de estimular vários dos eixos propostos.

Tendo em vista todas essas questões, elaboramos este material, que pretende apresentar um pouco da instituição e da exposição *Migrar: experiências, memórias e identidades*. Ele traz uma des-

crição dos módulos e sugestões de atividades que pretendem aproximar os espaços do Museu da Imigração e da sala de aula, seja introduzindo aos estudantes algumas questões que serão vivenciadas na visita ou estendendo essa experiência para depois desse momento. Boa viagem!

É ISTO UM HOMEM?

NUNO RAMOS

A instalação do artista plástico Nuno Ramos, presente logo no início da exposição, é uma obra emblemática que pode trazer muitas questões interessantes. Atentando ao título *É isto um homem?*, é possível refletir sobre a relação que há entre o que estamos vendo e a pergunta que nos é feita.

A obra é inspirada em um trecho do livro de mesmo título de Primo Levi, escritor italiano, judeu e sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz: “A Torre do Carbueto, que se eleva no meio da fábrica e cujo topo raramente se enxerga na bruma, fomos nós que a construímos. Seus tijolos foram chamados

ziegel, briques, tegula, cegli, kamenny, bricks, tégla, e foi o ódio que os cimentou; o ódio e a discórdia, como a Torre de Babel, e assim a chamamos: Babelturm, Babelturm, e odiamos nela o sonho demente de grandeza de nossos patrões, seu desprezo de Deus e dos homens, de nós, homens”.

A instalação é composta por duas partes: na primeira, o visitante observa uma carroceria de caminhão de 9 metros de comprimento, carregada com cerca de 20 mil tijolos; a segunda consiste em uma vitrine de vidro que tem em seu interior uma cadeira com um tijolo sobre seu assento, de frente para uma caixa

de som, da qual surgem leituras do trecho supracitado em oito idiomas: francês, tcheco, iídiche, alemão, húngaro, ladino, inglês e português – esta última na voz do próprio Nuno Ramos.

A clara referência à Torre de Babel no texto de Primo Levi se materializa nos tijolos da instalação, que trazem escrita, em relevo no centro, em vez do nome da olaria onde foram produzidos, a palavra *tijolo* nos oito idiomas. Nuno propõe uma abordagem do tema da (i)migração sob o viés do trabalho e da diversidade de línguas, que, segundo o artista, são elementos que se entrelaçam na vida de qualquer imigrante.

A proposta de abrir a exposição com uma instalação de arte contemporânea dialoga com nosso pressuposto de propor questionamentos: é possível fazer um trabalho como esse sozinho? Será que a disposição dos tijolos foi proposital ou acidental? O que faz um trabalho como esse dentro do Museu da Imigração? Podemos pensar também a respeito de algumas palavras que se relacionam à primeira vista com a obra: construção, matéria, trabalho, transporte, caminho, viagem, entre tantas outras.

DIÁSPORAS

Este módulo introduz o tema da (i)migração pela luz da Antropologia, ou seja, falaremos do assunto extrapolando a temporalidade comumente abordada pela História.

O conteúdo é abordado por meio de duas projeções que contam como a espécie humana evoluiu e se espalhou por todo o planeta ao longo de 2 milhões de anos. Em uma tela, localizada na altura do olhar do visitante, é exibida uma dramatização de como seria a vida do ser humano em tempos remotos. Abaixo dessa tela há um mapa-múndi em relevo, que representa os deslocamentos feitos a partir da África e que ajuda a localizar geográfica e cronologicamente o conteúdo que está sendo narrado.

Como forma de legitimar o que é apresentado, também aparecem nesse mapa alguns sítios arqueológicos, inclusive localizados no Brasil, com datas de prospecção e principais achados. Podemos discutir nesse espaço o que são sítios arqueológicos e como eles podem ser considerados documentos de uma época. É possível também levantar reflexões: quando antigo é o ato de migrar? Quais os motivos que fizeram e continuam fazendo os humanos se deslocarem de um local para outro? Somos mais influenciados pelas referências que vêm de fora ou por aquilo que nos rodeia? Quem chega também pode ser influenciado?

SAIBA MAIS

O vídeo elenca quatro sítios arqueológicos localizados no Brasil:

- Pedra Pintada (Roraima)
- Pedra Furada (Piauí)
- Lapa Vermelha (Minas Gerais)
- Capelinha (São Paulo)

A IMIGRAÇÃO NO BRASIL

No módulo 2, tem início a nossa viagem pela história da (i)migração no Brasil. Por meio de vídeos, o primeiro espaço coloca em discussão as figuras dos portugueses (colonizadores), africanos (escravizados) e índios (nativos), ou seja, as três populações entendidas como formadoras da identidade brasileira, dentro da lógica do mito fundador. Entender esses deslocamentos e as contribuições culturais de cada população – seja no vocabulário, culinária ou lazer – e problematizá-los sob a luz da imigração são alguns de nossos objetivos. Você já pensou em como um deslocamento interfere na relação com sua origem e com seu destino e como pode provocar novos deslocamentos? Já considerou os portugueses

colonizadores como os primeiros imigrantes que aqui chegaram ou ainda aventado os africanos escravizados como tais? Já pensou sobre a importância dos deslocamentos para as populações indígenas nativas e como as atuais fronteiras interferem na cultura de cada uma?

Na sala seguinte são contextualizadas as décadas finais do século XIX e as duas primeiras do século XX, período denominado da “Grande Imigração”, em que milhões de pessoas saíram de seu país de origem em busca de uma vida nova em outro lugar. O visitante pode interagir com um conteúdo multimídia sobre as rotas de deslocamentos pelo mundo, no qual são destacadas três hospeda-

rias: Brêmen (Alemanha), Gênova (Itália) e Kobi (Japão). Há também uma projeção com informações sobre outras hospedarias brasileiras. A Hospedaria de Imigrantes do Brás é apresentada como integrante de uma rede internacional de espaços de acolhida em contextos de emigração (saída) e de imigração (entrada), no Brasil e em outros países.

Completa essa sala uma instalação com malas e baús pertencentes ao acervo do Museu da Imigração, sobre os quais são projetados cartazes de publicidade do governo brasileiro convidando as pessoas a migrarem para o Brasil. Como são esses cartazes? Note que alguns deles mostram a paisagem brasileira com uma natureza exuberante e exótica. Que relação é possível

fazer entre a publicidade desse período e a imagem do Brasil vendida hoje pela mídia? Pensando sobre a postura do estado brasileiro diante do imigrante, o país atualmente mantém essa política de convidar pessoas a residirem aqui? Sob o ponto de vista do imigrante e considerando a facilidade de acesso à informação e de transporte internacional da atualidade, existe alguma diferença de expectativa das pessoas diante do ato de migrar contemporâneo e do mencionado período da “Grande Imigração”?

Uma viagem leva o visitante do Módulo 2 para o seguinte. O ato de se deslocar e de migrar, buscando uma nova perspectiva de mundo e de vida, é um ato de coragem, de esperança e de curiosidade, mas também pode ser de desespero e de fuga. Seja qual for o motivo,

VIAGEM

aquele que se desloca por uma distância muito grande passa por um processo que muitas vezes é transformador. Perdem-se camadas e constituem-se outras no caminho. Os elementos desse espaço – projeção de imagens do acervo do Mu-

seu da Imigração, músicas e sons – procuram suscitar no visitante o que poderia ser essa experiência.

A viagem começava bem antes de embarcar no trem ou no navio: tinha início com a decisão e a escolha de tentar viver em um lugar absolutamente desconhecido. Aqui vale o exercício de se colocar no lugar dessas pessoas: o que era fundamental? O que deixaria para trás? De quem iria se despedir? Quais expectativas poderia ter em relação ao lugar onde ia chegar? A trajetória era longa e o tempo só aumentava a ansiedade do viajante: levava noventa dias, ou até mais, entre embarcar no seu país de origem e desembarcar no Brasil.

Para os visitantes do Museu da Imigração hoje, a experiência ainda configura uma travessia. O deslocamento até o Museu, a descoberta do que está dentro dele e o retorno para casa com novas vivências, trazem de uma maneira bem distinta os elementos desse processo. Podemos sugerir que os estudantes percebam o percurso do Museu como uma viagem. Vamos seguir pela exposição?

HOSPEDARIA DO BRÁS

A projeção do espaço leva o visitante a viajar até a Hospedaria do Brás. Esse módulo apresenta a instituição que ocupou o prédio do Museu da Imigração entre os anos de 1887 a 1978, e que recebeu cerca de 2,5 milhões de estrangeiros e brasileiros. A Hospedaria foi criada para receber, acolher e encaminhar trabalhadores estrangeiros que passavam pela cidade de São Paulo em busca de terras ou empregos em fazendas de café no interior paulista. Antes já havia outros espaços de acolhida, mas eram improvisados e pouco apropriados para receber as grandes levas de (i)migrantes que chegavam.

A escolha do terreno da Hospedaria deveu-se à proximidade com as linhas das estradas de ferro Santos-Jundiaí e Central do Brasil,

o que possibilitava a acolhida tanto de quem desembarcava no porto de Santos, como daqueles que vinham pelo Rio de Janeiro.

Assim que chegavam à Hospedaria, os (i)migrantes desembarcavam em uma estação própria, na qual desembocava um ramal ferroviário. Nesse local havia o armazém de bagagem, onde os bens trazidos eram abrigados, higienizados e redistribuídos a seus proprietários. Os recém-chegados seguiam para o setor médico para vacinação contra doenças típicas do novo ambiente e para o setor de banho, composto por 31 banheiros e estufas de desinfecção de roupas. Em seguida, eram encaminhados para o setor de matrícula, para serem registrados

e receberem um cartão de rancho, no qual eram marcados o vapor em que vieram, a nacionalidade e o número de refeições a que tinham direito, de acordo com as respectivas idades. Depois dirigiam-se ao refeitório, onde eram servidas as refeições preparadas na própria Hospedaria. Ao fim do dia, seguiam para os alojamentos localizados no térreo e no primeiro andar do edifício central, em que homens eram separados de mulheres e crianças. Houve, no entanto, por um curto período, alojamentos mistos para famílias, com espaços delimitados por divisões provisórias. Um momento importante da permanência nesse espaço era o comparecimento à Agência Oficial de Colocação, na qual os trabalhadores entravam em

contato com agenciadores representantes das fazendas. Intérpretes profissionais auxiliavam nas negociações e no fechamento de contratos. Havia ainda no complexo edificado uma Agência Postal, Telégrafo e Câmbio, escritórios, enfermarias para adultos e crianças, sala de parto, lavanderia, rouparia e capela.

O encaminhamento para os postos de trabalho era responsabilidade dos funcionários da Hospedaria e, no dia da partida, os (i)migrantes recebiam seu bilhete de transporte e um farnel para a viagem. Assim, chegava ao fim essa primeira etapa em uma terra nova, sendo o tempo médio de permanência na Hospedaria de aproximadamente sete dias, salvo em raras exceções, como



no caso de famílias com membros internados por doença, ausência de propostas de trabalho ou indisponibilidade de transporte para o interior.

Por meio de vitrines com objetos e fotografias de época que retratam parte do cotidiano dos funcionários e (i)migrantes pode-se conhecer os diferentes serviços e espaços da Hospedaria aqui descritos. É possível entender o funcionamento dessa instituição tendo como fontes esses acervos?

Podemos destacar também nesse módulo a presença de migrantes – trabalhadores brasileiros e seus familiares – na história da Hospedaria. A partir de meados da década de 1930, eles passaram a ser maioria entre as pessoas recebidas. Os

motivos que levavam essas pessoas a migrar são diversos, mas podemos apontar as secas periódicas no sertão nordestino e a existência de regiões em processo de estagnação econômica, como foi o caso de áreas produtoras de cana-de-açúcar em Pernambuco ou de algodão em vários Estados nordestinos. Por outro lado, a necessidade crescente de mão de obra inicialmente para a cafeicultura, e depois para a industrialização, aliada a uma legislação restritiva à entrada de imigrantes internacionais e a uma política de nacionalização da mão de obra nos anos 1930, explicam o aumento da entrada de migrantes internos no Estado de São Paulo.

Os principais fluxos tinham início

em cidades do Nordeste do país e de Minas Gerais por trem, mas havia também quem viesse de navio, ônibus ou caminhão, conhecido como “pau de arara”. Algumas questões podem ser levantadas aqui: quais as origens dos estudantes da sua escola? Há filhos e netos de pessoas que passaram por essa experiência? Por serem brasileiros, a inserção social era mais fácil que para os imigrantes vindos de outros países? Sabendo da importância da contribuição nordestina para São Paulo, peça para a turma elencar, dentro de seu cotidiano, comidas, músicas, brincadeiras e outros elementos que vieram desses estados.

SAIBA MAIS

Nas fichas anexas há um fluxograma histórico que mostra os caminhos percorridos dentro da Hospedaria. As imagens identificadas com a cor verde referem-se a esses serviços (note que o sistema de números e letras permite ordená-las).

Há um gráfico que mostra a quantidade de brasileiros e estrangeiros que migraram para o Estado de São Paulo entre os anos de 1900 e 1949. Perceba as variações ao longo desse período.

COTIDIANO

Este módulo aborda o cotidiano na Hospedaria de Imigrantes do Brás, especialmente as experiências das milhões de pessoas que passaram por ela ao longo de seu funcionamento. Dois espaços emblemáticos são recriados.

O primeiro é o refeitório, evocado por uma cenografia composta por longas mesas e bancos, sobre as quais são projetadas imagens do acervo, além de áudio com vozes misturadas que dão conta dos diferentes sotaques que poderiam ser ouvidos durante as refeições. O outro ambiente é o dormitório. Beliches cenográficos e projeções de imagens da viagem e do que seriam os anseios dessas pessoas procuram recriar esse ambiente. Todo o pavimento em que a exposição

está instalada era tomado por alojamentos, sendo que em um lado do prédio ficavam os homens e do outro as mulheres e as crianças. Depois de tanto tempo em navio e trem, os viajantes exaustos finalmente podiam tomar banho, fazer uma refeição, descansar em uma cama e sonhar com a vida que ficou e com a que estava se iniciando.

Alguns documentos de nosso acervo estão expostos nessa sala e nos ajudam a entender como era o dia a dia na Hospedaria. Um dos mais importantes é o **livro de matrícula**, documento preenchido por funcionários no qual eram registradas informações pessoais de cada (i)migrante no momento de sua entrada na Hospedaria: nome,

datas de nascimento e chegada, locais de proveniência e destino etc. Na exposição há um desses livros, mas no site do Museu da Imigração é possível acessar os demais.

No centro da sala estão dois gaveteiros, e dentro de cada gaveta há uma carta enviada por um imigrante já estabelecido no Brasil e endereçada a alguém no exterior. Essas são as **cartas de chamada** e na exposição há algumas delas, pertencentes ao acervo da instituição. No site do Museu da Imigração também é possível consultá-las. As gavetas podem ser abertas e exploradas por você e pelos estudantes. Quais idiomas podemos encontrar? A leitura é fácil ou difícil? Qual o principal assunto tratado nas cartas? É possível

conhecer um pouco da vida dessas pessoas? A forma de escrever é muito diferente da atual? Por quê?

Nas duas extremidades da sala há estantes com **objetos do acervo museológico** que compuseram os espaços da Hospedaria (escritórios, dormitórios, cozinha, refeitório, pavilhões médicos) e que nos ajudam a visualizar como era esse lugar. Infelizmente, não é possível conhecer a história de cada objeto, mas podemos tentar vislumbrar seus usos.

Ainda neste módulo há monitores com entrevistas de **história oral** cedidas por pessoas que estiveram na Hospedaria do Brás. O **menu** temático ajuda a navegar pelos conteúdos organizados em: alimentação, viagem, bagagem, campo

e hospedaria. Aproveite para assistir a algumas das histórias e conversar com os estudantes sobre as primeiras impressões que esses (i)migrantes tiveram.

Há também uma vitrine com objetos pessoais que fazem parte do acervo do Museu da Imigração (carrinhos, bonecos etc.). O que há nela? Esses objetos ainda são comuns? O que os difere dos atuais? O que você traria em sua bagagem?

O cotidiano de cada um que visita este módulo tem pelo menos duas possibilidades de encontro com o cotidiano daqueles que por lá passaram. Os lugares de comer e de dormir remontam experiências cotidianas que são, acima de tudo, humanas e que por isso mesmo

não têm uma localidade específica. Afinal, todos nós comemos e dormimos. Talvez sejam comidas diferentes, talvez os horários para realizar cada atividade tenham mudado, mas as necessidades são muito parecidas. O entendimento de que somos semelhantes e distintos ao mesmo tempo nos interessa, porque nos ajuda a compreender e respeitar o que é diverso.

SAIBA MAIS

Dois trechos de cartas de chamada decoram os gaveteiros. Leia a transcrição delas a seguir.

Ribeirão Preto 10 de Fevereiro de 1912

Am. Manoel Cardoso
Figueira da Foz

Querido pai: Saude e o que lhe
sepo. eu estou sem novidade
Conforme lhe indiquei na au-
terior espero embarcar no pri-
meiro vapor que sair de
Lisboa, espero me esereba
uter eu que vapor embarca pa-
u poder espera-lo se me for
possivel em Santos. Pode embar-
ar sem receio algum pois a meu
lado nada lhe faltará nada
eis conforme lhe fez ver o sur.
i nesa como se acha não po-
ter tão bem com a meu lado

Sou seu estua seu filho

Manoel Cardoso Filho

i direccão da carta para

Brasil
C. Lad Paul
Ribeirão Preto
Rua Amador Bueno 70

CARTA DE CHAMADA

"Pode embarcar sem receio algum, pois ao meu
lado nada lhe faltará, nada, pois conforme lhe fez
ver [...] pode estar tão bem como ao meu lado."

(Carta de Manoel Cardoso Filho a seu pai, Manoel
Cardoso Figueira da Foz Ribeiro, 10 de fevereiro de
1912. Disponível em: [http://museudaimigracao.org.br/
acervodigital/upload/cartas/MI_CC_A0000094X.pdf](http://museudaimigracao.org.br/acervodigital/upload/cartas/MI_CC_A0000094X.pdf))

an. 199

S. Paulo 15 de Maio de 1912

Meu Pai
Muito extenuo que esta o vai e
contra de perfeita saúde que
minha mulher e filhos ficam
bons graças a Deus.

Meu Pai peço-lhe por vir por a
uma casa, pois que eu aqui
posso sustentar melhor que a
pois soude eu como, minha
e meus filhos. Também o Pai
comer e não precisa de se ralar,
pois pode vir descansado que aqui nada lhe falta.
Tire o passaporte e venha o mais breve possível.

Se lhe for preciso dirigis dirigis
ra os Socos reis, o Fed. Luciano
Pais. Abre que lhe abra e por
the documento por logo que o
Pai aqui chega e lhe remette
distintamente! Por hoje termino,
boa noite recomendo de sua
mulher e dos seus netinhos, por
seus.

CARTA DE CHAMADA

"Meu pai, peço-lhe para vir para minha companhia,
pois que eu aqui o posso sustentar melhor que aí,
pois onde eu como, minha mulher e meus filhos,
também o pai pode comer e não precisa de se ralar,
pois pode vir descansado que aqui nada lhe falta.
Tire o passaporte e venha o mais breve possível."

(Carta de Manoel Francisco a seu pai, 15 de maio de
1912. Disponível em: http://museudaimigracao.org.br/acervodigital/upload/cartas/MI_CC_A0000117X.pdf)

CAMPO, CIDADE

As perguntas motivadoras deste módulo são: para onde foram os homens, mulheres e crianças que saíram da Hospedaria de Imigrantes do Brás? Como era a vida dessas pessoas após a experiência da (i)migração? Em que trabalharam, como se organizaram, como se divertiam?

Em uma pequena sala, é projetado um vídeo que contextualiza o grande fluxo de imigrantes no final do século XIX e início do XX para o Estado de São Paulo, como uma tentativa de explicar ao visitante como era o lugar de chegada de tantas pessoas. O vídeo traz uma retrospectiva histórica como forma de ilustrar quais eram as questões que permearam essa imigração em massa, principalmente a crise do sistema escravocrata e a neces-

sidade de mão de obra para as fazendas de café. No teto desse espaço há uma transcrição de carta de chamada, na qual um imigrante conta a seu irmão como era a viagem, a chegada, mas principalmente, a vida em São Paulo.

No espaço subsequente há uma vitrine que possui objetos iluminados de acordo com três temas cotidianos nos quais eram empregados: vida doméstica, trabalho e lazer. Conforme o tema muda, as luzes da vitrine se esmaecem e acendem, revelando objetos relacionados ao assunto, e monitores exibem textos e fotografias do acervo do Museu da Imigração. Esses artefatos e imagens contam um pouco da vida material e do coti-

diano no campo. Vale atentar aos objetos: são itens que esperamos encontrar em museus? Por quê?

Na sala seguinte, duas projeções exploram a distribuição dos fluxos de (i)migrantes pelo interior do Estado de São Paulo. Uma aborda os núcleos coloniais, iniciativa de incentivo à aquisição de terras e colonização do interior paulista. A outra mostra a distribuição espacial das pessoas que saíram da Hospedaria do Brás. Ambas resultam de pesquisas feitas por especialistas, a partir de documentos históricos. Essa é uma forma interessante de apresentar um trabalho dessa natureza?

Uma descascadora de café completa este espaço, parte de

uma cadeia de máquinas de beneficiamento desse grão, que é tão importante para o entendimento da história da (i)migração para São Paulo nesse período.

SAIBA MAIS

A seguir, a transcrição da carta de chamada instalada no teto da pequena arena.

35

Paulo 3 de Junho de 1913

Irmão e Compadre recebi a
Carta de vós e o que me diges
de todo resolvido pois aqui te
o dinheiro mas sei se será qua
n precisas eu remeto 100
fracos na ocasião em que
vós não sei como está o Camb
portanto deste dinheiro dá a
minha sogra 7000 e o re
é para a tua viagem creio
Antonio também Cambia
150000 Por enquanto os n
fundos são poucos e temos al
pagamentos empatados por n
termos liquidado as obra
que trazemos entre mãos Dize
Manuel Rodrigues isto que

CARTA DE CHAMADA

Irmão e compadre, recebi a tua carta, vejo o que me dizes, estás de todo resolvido, pois aí te vai o dinheiro, não sei se será quanto vos precisais, eu remeto 15.000 reis fracos na ocasião em que escrevo, não sei como está o câmbio, portanto, deste dinheiro dás a minha sogra 7.000 reis, o resto é para a tua viagem. Creio que o Antonio também cambieia 150.000 reis. Por enquanto os nossos fundos são poucos e temos alguns pagamentos empatados por não termos liquidado as obras que trazemos entre mãos. Dizes ao Manuel Rodrigues isto que gostávamos aqui dele para nos acompanhar nas obras, que nós damos muito que fazer a carpinteiro e tudo se lhe dá de empreitada, por isso nos convinha mais ele do que ninguém. Era bom que ele arranjasse por aí, não haverá quem lhe arranje uns 5.000 reis?

Carta de José Almeida a seu irmão, 13 de junho de 1913.

CARTA DE CHAMADA

Prevenção

Enquanto a roupas, tanto grossas como finas, tudo é preciso, tanto de cama como do corpo. Ferramentas, traz um prumo de ½ kilo e traz uma colher grande de aço que seja boa para rebocar, traz um ou dois metros de molas, traz três limas das mais compridas feitas em cinzel que chamamos talhadeira, o martelo compras cá, não precisas de mais ferramentas. Enquanto a viagem, peço-te que tenhas todo o cuidado principalmente no vapor, principalmente com a mãe que não dê algum tombo nas escadas do vapor, só depois de estares dentro examina bem o cuidado que deves ter, todo cuidado ao pinchar da lancha para o vapor. Previno-te se trouxeres alguma arma seja ela como for, ao entrar para o vapor entrega para a mãe que meta no seio. Vinde prevenidos com limões e açúcar para poderem beber melhor a água. Quando tiveres a certeza do dia em que embarcas e nome do vapor, escreve para te irmos esperar a Santos. Deves prevenir-te com coragem para a tua partida, não precisa ter medo.

Carta de José Almeida a seu irmão, 13 de junho de 1913.

CARTA DE CHAMADA

Haver-se por qualquer caso revogueis a vossa viagem, depois mandas dizer para o meu dinheiro ser devolvido, como sabes aí não tenho onde o empregar. De tudo estás prevenido. Deus seja convosco na vossa viagem.

Adeus, até a vossa chegada.

Teu irmão e compadre, Jose Almeida.

À mãe, que traga três jogos de agulhas, 2 de meia e um de renda e ½ dúzia de maços de ganchos.

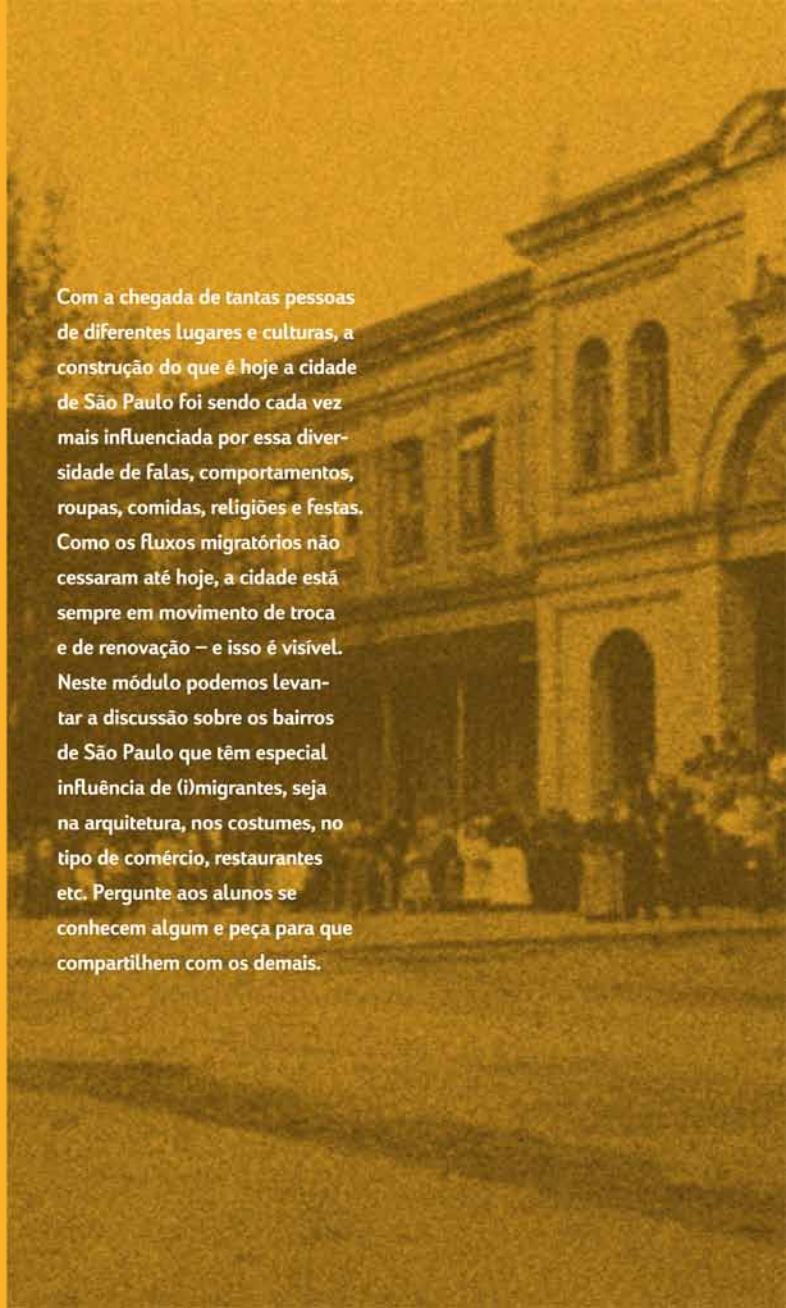
Carta de José Almeida a seu irmão, 13 de junho de 1913.

**SÃO PAULO,
CIDADE
COSMOPOLITA**

Este módulo, que aborda a contribuição da (i)migração para a formação da cidade de São Paulo, pode ser introduzido com uma citação do antropólogo sueco Ulf Hannerz: “[...] um cosmopolitismo genuíno é antes de mais nada uma orientação, uma disposição para entrar em contato com o Outro. Implica uma abertura intelectual e estética em direção a experiências culturais divergentes, uma busca por contrastes, mais do que por uniformidades”. Essa definição explica a capital paulista, que tem grandes números: território, população, economia, mas também problemas. No entanto, fica a pergunta: somos mesmo cosmopolitas?

O Módulo 6 é dividido em dois espaços. No primeiro, uma instalação audiovisual dá ideia da grandiosidade da cidade de São Paulo por meio de imagens aéreas, fotografias antigas e dados numéricos. Uma trilha sonora conecta esse espaço ao seguinte, que desbrava as figuras e as marcas das migrações internas e internacionais em quatro bairros paulistanos: Bom Retiro, Brás, Mooca e Santo Amaro. Esta última sala é resultado de um trabalho de Antropologia urbana, composto por pesquisas de campo e registros fotográficos e audiovisuais atuais.

Com a chegada de tantas pessoas de diferentes lugares e culturas, a construção do que é hoje a cidade de São Paulo foi sendo cada vez mais influenciada por essa diversidade de falas, comportamentos, roupas, comidas, religiões e festas. Como os fluxos migratórios não cessaram até hoje, a cidade está sempre em movimento de troca e de renovação – e isso é visível. Neste módulo podemos levantar a discussão sobre os bairros de São Paulo que têm especial influência de (i)migrantes, seja na arquitetura, nos costumes, no tipo de comércio, restaurantes etc. Pergunte aos alunos se conhecem algum e peça para que compartilhem com os demais.



IMIGRAÇÃO HOJE

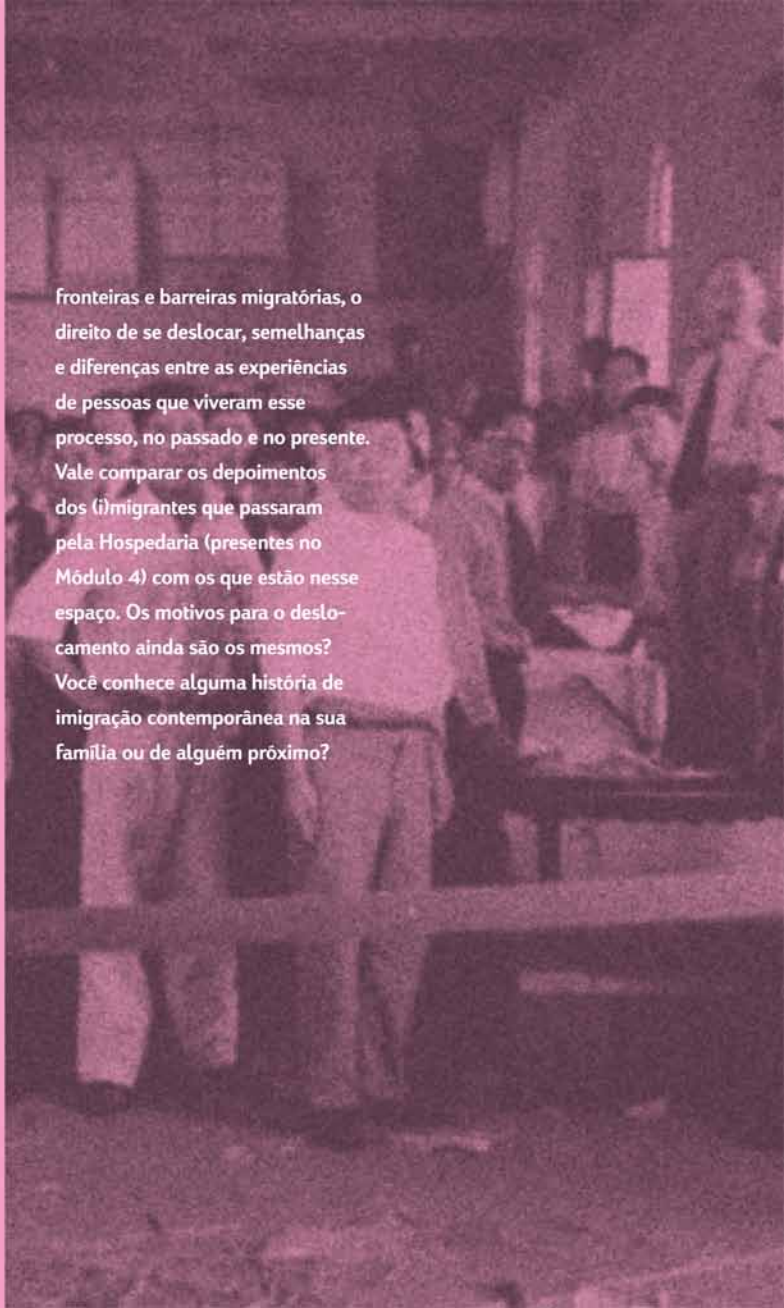
Em consonância com a proposta do Museu da Imigração, que busca abordar o fenômeno da migração em geral de forma crítica, este módulo trata das (i)migrações contemporâneas. Como visto anteriormente, os deslocamentos humanos acontecem desde o início da humanidade e na contemporaneidade não é diferente. Ao longo da história, é possível registrar mudanças de ritmo, intensidade, direção e motivação nos processos migratórios. Embora em outro ritmo, nosso país continua a receber imigrantes de todo o mundo, mas também muitos brasileiros fazem parte de um fluxo de saída e retorno.

A cidade de São Paulo ainda se constitui como um centro receptor significativo de corren-

tes migratórias internacionais e nacionais, que são reflexo da característica fortemente atribuída ao Estado de São Paulo como local de oportunidades e acolhida.

É sabido que as pessoas que migram, tanto hoje como em tempos passados, sempre enfrentaram problemas de adaptação, situações de exploração e rupturas com suas tradições culturais e com seus vínculos familiares. Este módulo apresenta painéis interativos nos quais o visitante pode compor rostos de (i/e)migrantes contemporâneos em uma brincadeira de quebra-cabeça. Quando completados, revelam suas histórias e experiências. Após ouvi-las, gostaríamos que o visitante pensasse algumas questões, como a legitimidade de

fronteiras e barreiras migratórias, o direito de se deslocar, semelhanças e diferenças entre as experiências de pessoas que viveram esse processo, no passado e no presente. Vale comparar os depoimentos dos (i)migrantes que passaram pela Hospedaria (presentes no Módulo 4) com os que estão nesse espaço. Os motivos para o deslocamento ainda são os mesmos? Você conhece alguma história de imigração contemporânea na sua família ou de alguém próximo?



O EDIFÍCIO

Neste módulo da exposição há uma maquete do prédio da Hospedaria de Imigrantes do Brás, além de vitrines com vestígios materiais do edifício e de seus usos. Nessa edificação funcionaram também presídios políticos, durante os Movimentos de 1924 e 1932, e a Escola Técnica de Aviação, na década de 1940.

A maquete mostra o edifício antes de uma reforma, que aconteceu na década de 1930, e comparando-o com o lugar que hoje visitamos, podemos notar algumas modificações. Quais foram essas mudanças? Podemos perceber que o complexo era todo murado, então, quais seriam as razões para isso?

Visualizar a maquete é importante para se ter noção do quanto o complexo da Hospedaria do Brás é extenso. O Museu da Imigração está localizado em parte das edificações, sendo o restante ocupado pelo Arsenal da Esperança, entidade que oferece acolhida a pessoas em situação de vulnerabilidade. É possível localizar os limites atuais entre as duas instituições? Podemos discutir nesse momento a pertinência de serem realizadas atividades tão distintas no edifício, como preservação da história e de memórias e ainda a acolhida de pessoas, como também era a função da Hospedaria do Brás.

Certamente, esse prédio foi um local de cruzamento de muitas histórias. Ingressar em suas dependências é o primeiro passo para descobri-las e ser capaz de construir tantas outras, por meio das narrativas que surgem das diferentes experiências de cada um que visita esse espaço.

SAIBA MAIS

Nas fichas anexas há um mapa que representa os usos históricos dos espaços da Hospedaria, atualmente ocupados pelo Museu da Imigração. Já as imagens identificadas com a cor marrom referem-se aos registros das fachadas e interiores (note que o sistema de números e letras permite ordená-las).

FICHA TÉCNICA

INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO CAFÉ E DA IMIGRAÇÃO

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Roberto Penteadó de Camargo Ticoulat

COMITÊ EXECUTIVO

Guilherme Braga Abreu Pires Filho

Eduardo Carvalhaes Jr.

DIRETORA EXECUTIVA E TÉCNICA

Marília Bonas Conte

DIRETOR ADMINISTRATIVO

Rogério Ítalo Marquez

GERENTE DE CONTROLADORIA GERAL

Alessandra Almeida

GERENTE ADMINISTRATIVO

Thiago Santos

GERENTE DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

Caroline Nóbrega

COORDENADORA TÉCNICA DO MUSEU DA IMIGRAÇÃO

Mariana Esteves Martins

MATERIAL EDUCATIVO PARA PROFESSORES

CURADORIA

Mariana Esteves Martins
Talita Sousa Pedrosa Paes

PESQUISA E TEXTO

Adilson Medeiros dos Santos
Aline de Souza Oliveira
Ana Gomes de Menezes
Bruna Marques
Bruna Medeiros Passos
Conrado Secassi Agarelli
Diego Navarro Cernohovsky
Fernanda Mazete Jorge
Guilherme Ramalho dos Santos
Henrique Trindade Abreu
José Pedro Simões Viviani
Juliana Rodrigues Barros
Paola Haber Maués
Tatiana Chang Waldman
Thaís Klarge
Vivian Bortolotti
Wagner Pereira Silva

IMAGENS

Acervo Museu da Imigração
do Estado de São Paulo / APESP
Fernanda Mazete

GESTÃO DE CONTEÚDO

Juliana Silveira

DESIGN

Alexsandro Souza [dínamo]

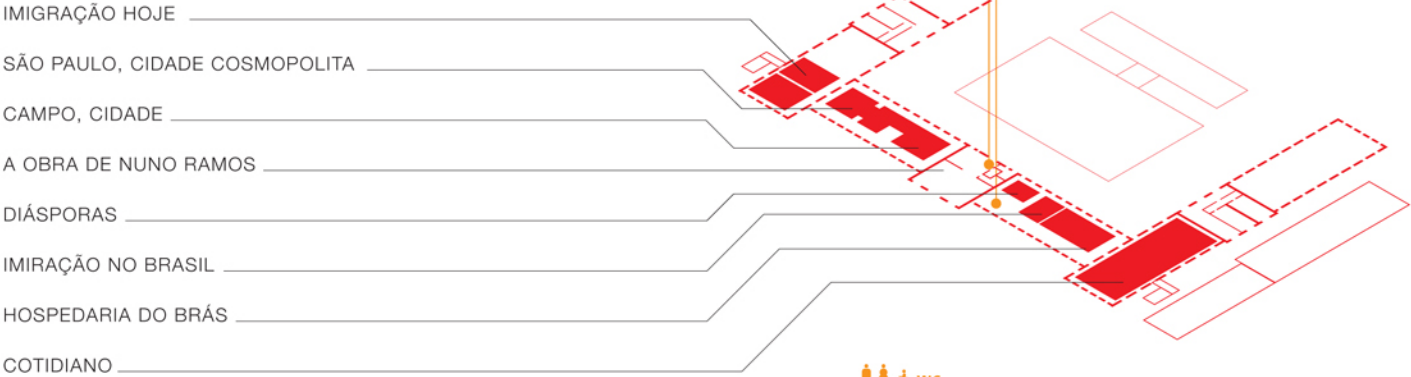
PRODUÇÃO

Juliana Silveira
Vivian Bortolotti

PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TEXTO

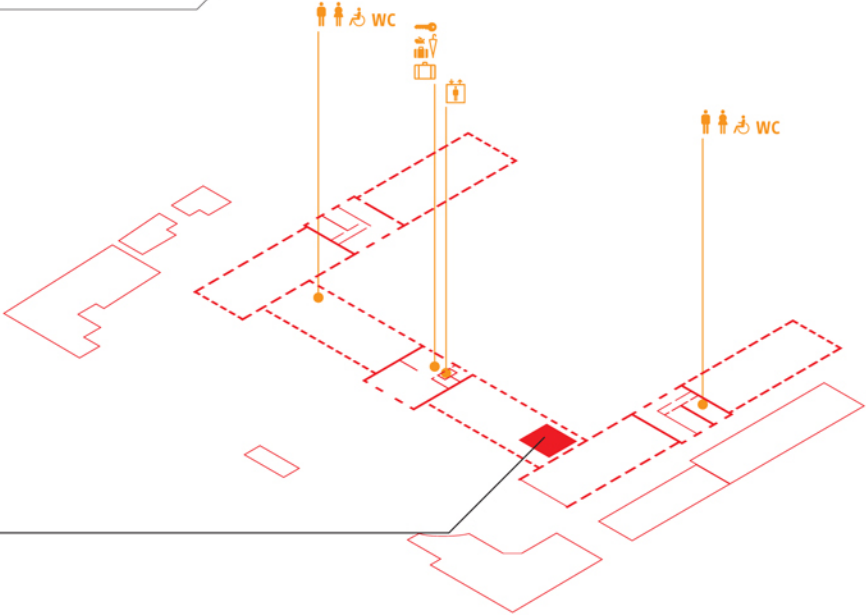
Alícia Toffani

PAVIMENTO SUPERIOR



O EDIFÍCIO

TÉRREO



Este material foi impresso em couché matte 120g/m², com capa impressa sobre cartão paraná. Nele foram utilizadas as famílias tipográficas Helvetica Neue - títulos, subtítulos e chamadas - e Fargo para os textos de imersão.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO

Rua Visconde de Parnaíba 1316

Mooça/SP.

Tel . (11) 2692-1866

www.museudaimigracao.org.br



